

MOÇÃO Nº 21.203/2017

Congratulações pelo centenário de nascimento de Mestre Didi.

A deputada que esta subscreve vem, na forma do disposto no Regimento Interno desta Casa, comemorar, com muito orgulho, os 100 anos de nascimento de Deoscóredes Maximiliano dos Santos, mais conhecido como Mestre Didi.

Filho de Maria Bibiana do Espírito Santo - a lalorixá Mãe Senhora do Ilê Axé Opô Afonjá, e Arsênio dos Santos, Deoscóredes Maximiliano dos Santos nasceu em Salvador, no dia 2 de dezembro de 1917. Mais conhecido como Mestre Didi, foi sacerdote, escultor e escritor, com grandes contribuições nas três faces de sua vida religiosa e intelectual. Com exposições no Brasil e no exterior, ganhou diversos prêmios e foi um dos mais importantes sacerdotes do culto aos egunguns no mundo. Mestre Didi morreu em 6 de outubro de 2013 e deixou como viúva a antropóloga Juana Elbein dos Santos, as filhas Nidia Maria dos Santos, Inacyra Falcão dos Santos e Lara Falcão dos Santos, netos, amigos e uma legião de admiradores.

Mestre Didi construiu uma relação estreita com o continente africano, principalmente com o reino Ketu. Recebeu o título de Alapini, o mais alto do culto aos egunguns, e fundou em 1980 o Ilê Asipá, em atividade.

Em uma das suas visitas à África, ele teve o reconhecimento de Alaketu, Rei do Ketu, sendo convidado como membro da família e não como um mero visitante. Sua iniciação sacerdotal se deu aos 7 anos. De presença mítica na Bahia, tornou-se o Sumo Sacerdote Alapini – Ipekun Oye, a mais alta hierarquia no culto aos ancestrais na tradição lorubá.

Aos 55 anos de idade, fundou o candomblé de culto aos ancestrais Ilê Asipá, situado em uma das transversais da Avenida Orlando Gomes, em Salvador. Os Asipás, caçadores ligados a Oxóssi, transmitem a ideia de segurança. Não por acaso, as obras do Mestre Didi assimilam signos do candomblé e têm relação direta com os orixás e os elementos da natureza. “Mestre Didi sempre foi um homem voltado para a cultura e a vida afro-brasileira, desde os muitos livros que publicou sobre o culto dos ancestrais, no qual tinha o honroso cargo de Alapini. Foi um artista escultor de lindas obras, cuja temática falava desse extraordinário universo das coisas da África mítica, onde os deuses estão na terra, e por isso suas esculturas eram totêmicas, saíam do chão para alcançar o infinito”, escreveu o artista e diretor-curador do Museu Afro Brasil, Emanuel Araujo, no texto de

despedida “Um Adeus ao Alapini”. As obras de Didi têm destaque no acervo permanente do Museu Afro Brasil, no Parque Ibirapuera, em São Paulo.

Seu primeiro livro, “Yorubá tal Qual se Fala”, foi lançado em 1946. Mestre Didi possui livros editados em português, espanhol, inglês, francês e yorubá. Sua obra literária está reunida em volumes como “Contos Negros da Bahia” (1961) e “Contos de Nagô” (1963), da editora G.R.D., dentre outros. Com várias premiações, suas obras são disputadas por galerias de arte e avalizadas por nomes como Jorge Amado e Emanuel Araújo. Em 1989, as esculturas de Mestre Didi se destacaram na célebre exposição Magiciens de la Terre, no Centro Georges Pompidou, em Paris, um momento decisivo para o reconhecimento internacional de seu trabalho. Com o tempo, passou a ser estudado por historiadores, linguistas e críticos de arte e de literatura.

Mestre Didi é um homem especial, reconhecido mundialmente pela sua produção artística e intelectual, além do seu imenso trabalho na preservação da cultura afro-brasileira. Tive a honra de iniciar as comemorações pelo centenário do Mestre Didi nesta Casa Legislativa, promovendo uma sessão especial no dia 6 de novembro do corrente ano, que lotou o Plenário da Alba. Um encontro marcado por pronunciamentos emocionantes e históricos, que relataram a bela trajetória de vida do artista plástico, escritor e sacerdote. Momento oportuno para reverenciarmos a vida e obra de Mestre Didi, um homem ético, íntegro e sensível. Um educador, ele passou os ensinamentos da religião a todos que tiveram o privilégio da sua convivência.

Não poderia deixar de registrar nesta presente moção que uma plenária extraordinária do Conselho Estadual de Educação, do qual faço parte, aprovou o tombamento do Terreiro Ilê Asipá. Uma importante reunião extraordinária, que aconteceu no dia 10 de novembro, quando os membros do Conselho de Cultura da Bahia aprovaram, por unanimidade, o parecer do conselheiro Zulu Araújo que indicou pelo tombamento do terreiro Ilê Asipá. A reunião extraordinária contou com a presença da secretária de Cultura da Bahia, Arany Santana, do Alabá (cargo máximo) do Terreiro Ilê Asipá, Genaldo Novaes e frequentadores do terreiro que lotaram a sessão.

Por sua grandiosa contribuição às artes no país e à preservação da memória afro-brasileira e aos cultos de matriz africana, Mestre Didi merece todas as homenagens desta Assembleia Legislativa na passagem do seu centenário de nascimento. A Bahia, o Brasil e o mundo precisam saber e conhecer mais a obra magnífica desse baluarte, um viva a Mestre Didi!

Dê-se ciência desta Moção à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, ao Conselho Estadual de Cultura da Bahia, ao Alabá do Terreiro Ilê Asipá, Genaldo Novaes, à Fundação Pedro Calmon, ao Professor Gildeci de Oliveira Leite e aos familiares de Mestre Didi, representados pela viúva Juana Elbein dos Santos e pela filha Inacyra Falcão dos Santos.

Sala das Sessões, 29 de novembro de 2017

Deputada Fabíola Mansur